

A ÁGUA E A INDÚSTRIA DA SECA: ANÁLISE POLÍTICO-SOCIAL NO NORDESTE

Alexandre Junior de Souza Meneze¹; Adelson Dias de Oliveira²

Universidade do Estado da Bahia – UNEB – III. (Autor) E-mail: alexandrejuniorsm@hotmail.com¹; *Universidade do Estado da Bahia – UNEB – III. / Universidade Federal do Vale do São Francisco* (Coautor) E-mail: adelsonjovem@gmail.com²

Resumo: O texto tem a intenção de evidenciar um debate contemporâneo acerca da temática da água e os conflitos sócio-políticos na região nordeste, caracterizados pela indústria da seca. As discussões aqui apontadas estão sinalizadas marcadas por um processo sócio histórico numa dimensão hegemônica e colonizadora em que a região nordeste foi constituída. Expõe nessa perspectiva os cenários de desigualdade presentes na relação existente entre o desenvolvimento de políticas excludentes e que marginalizam as famílias e comunidades no tocante ao acesso a água e as utiliza como moeda de troca num processo eleitoral. Em contrapartida o texto faz um debate ou aproximação com as ações de movimentos sociais e de organizações não governamentais que fazem um trajeto contrário a produção da indústria da seca, sendo este elemento de tensionamento e divergência para se discutir como na atualidade se pautam as políticas de acesso água em meio ao cenário de crise apresentando política e socialmente, reforçado pela difusão de tecnologias alternativas de captação de água como eixo desencadeador de políticas públicas. Como resultados prévios o texto evidencia avanços na construção de que se faz necessário para o nordeste o fortalecimento de ações vinculadas políticas públicas e a desconstrução de uma perspectiva assistencialista que aprisiona ao invés de dar condição de vida aos nordestinos, fazendo referência ao que apontara Dom José Rodrigues “No Nordeste não falta água, falta justiça”.

Palavras-chave: Indústria da seca; Semiárido; Políticas públicas; Tecnologias alternativas; Ecologia Humana.

Introdução

O Semi-Árido brasileiro não é apenas clima, vegetação, solo, Sol ou água. É povo, música, festa, arte, religião, política, história. É processo social. Não se pode compreendê-lo de um ângulo só.
Roberto Malvezzi – Gogó, 2007.

Com a beleza e a leveza da poesia de Gogó, pretendo transitar nas páginas deste texto com o intuito de juntar a muitos pesquisadores que estão pensando sobre as questões que envolvem a constituição do Nordeste e de maneira especial o semiárido. Não podemos olhar com este lugar e tudo que o acomete de uma única lógica, precisamos construir um “olhar holístico”, como bem destacado por Malvezzi.

Nos últimos tempos, nunca tem se discutido tanto sobre o Nordeste no tocante a estiagem¹. O mesmo debate ganha forma com os impactos causados na região sudeste, dando assim uma maior

¹ Estiagem é um fenômeno climático causado pela insuficiência de precipitação pluviométrica, numa determinada região por um período de tempo muito longo.

evidência e questionamento com relação a sobrevivência com a falta de água, mesmo ao longo da história do país milhares de nordestinos morrerem por conta das questões relacionadas a seca.

O Nordeste brasileiro enfrenta uma das maiores secas dos últimos 50 anos, porém os impactos não são maiores graças as iniciativas desenvolvidas para equilibrar e sanar tais necessidades, porém ao longo da história esse cenário passou por diversas realidades que merecem ser evidenciadas e debatidas e pretendo apontar alguns destes aspectos ao longo do texto.

É pertinente iniciar o debate destacando que o Nordeste sempre passou por esse fenômeno natural por muito tempo, graças a sua composição geográfica e natural, onde o seu contexto é composto por uma região que possuem longos períodos de estiagem e um curto período de chuvas, deste modo, adquiriu seus elementos naturais, seja faunístico e florístico, adaptados a conviver com essas realidades. Porém nas últimas décadas, com as transformações que vem ocorrendo no planeta, resultado das ações antrópicas, esse fenômeno vem acontecendo com maior frequência e as chuvas com baixos índices.

Assim, iniciar os estudos sobre o Nordeste buscando compreender estes fenômenos e assim poder ter maiores conhecimentos. Vale destacar que este espaço foi reorganizado geograficamente e dividido geopoliticamente em zonas, trago para este estudo a área conhecida como semiárido, como apontado, a maior área atingida pelo o fenômeno da estiagem.

Para tal, inicia um grande movimento (políticos, militares, governantes), para buscar uma saída para a sobrevivência da população atingida pela forte estiagem e falta de água, é diante deste aspecto que a ação governamental é desenvolvida para a distribuição e criação de ações para abastecer as regiões mais atingidas pela seca.

Surge aí a denominação da indústria da seca, onde muitos lucram com o sofrimento de muitos sertanejos, onde as fortes secas são sinônimos de empoderamento e enriquecimento.

Deste modo, proponho uma discussão sobre a seca no Nordeste e o uso consciente dos recursos naturais para fins lucrativos, especificamente a água, e maior explanação da indústria das secas, criada a décadas passadas, que ainda é bem forte em dias atuais, em regiões onde o coronelismo se disfarça de políticos e instituições.

Metodologia

O presente artigo, utilizou como método para a construção textual, a pesquisa bibliográfica, no qual fez uma seleção das principais obras e autores, que tratam da temática em evidência.

Optamos por fazer o estudo com base em artigos publicados em periódicos e/ou livros, bem como em teses e dissertações que versam sobre a temática do estudo em tela.

Fundamentação teórica

“O Nordeste, assim como o Brasil, não são recortes naturais, políticos ou econômicos apenas, mas, principalmente, construções imagético-discursivas, constelações de sentido.” Durval Muniz de Albuquerque Jr. (1999, p. 307).

Para falar de Semiárido Brasileiro é pertinente retomar a escrita de um Nordeste que se inventa e reinventa-se no nosso país numa perspectiva de atender a demandas políticas e econômicas de uma época e de um determinado grupo.

Tomo como ponto de partida a regionalização do país que se dá ao final do século XIX para início do século XX e a inserção de novas perspectivas de nacionalização, especialmente na localização e destaque dado na divisão de poder entre Norte e Sul do país, onde as cidades se modificavam com construções sobre modelos europeus do século XIX.

O avanço na substituição de casarões antigos por usinas e indústrias passa a dar corpo ao novo cenário imagético do Brasil. O Nordeste nasce, então, em meio a reelaboração das imagens e enunciados que construíram o antigo Norte, marcada por um discurso regionalista e que avança para questões de se pensar a nação, identidade, cultura e todos os aspectos que fossem possíveis de incorporar as diferenças existentes no país.

Motivado por tais provocações é pertinente apontar para o texto em questão que todo o processo de imposição como verdade de uma realidade diminuída e construída por meio de estereótipos é fincada na perspectiva de que,

O Nordeste é uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma área do país. E é tal a consistência dessa formulação discursiva e imagética que dificulta, até hoje, a produção de uma nova configuração de “verdades” sobre este espaço. (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 62)

É da dificuldade de reconfigurar a imagem do espaço territorial conhecido como Nordeste que o autor problematiza a constituição de um novo olhar sobre a região. E nessa lógica passa-se a construir uma série de pensamentos que dialogam com outra perspectiva de se pensar e criar o lugar. No caso do Nordeste, o autor marca a construção imagética do lugar por categorias temáticas

que representam a sua constituição. Provoca a pensar o lugar por imagens demarcadas por suas características geográficas, como o lugar que não se pode viver, é inóspito.

Tais características se propagam numa linguagem regionalista e na literatura, todos esses aspectos vão contribuindo para se criar uma imagem de atraso em detrimento ao Sul, considerado ainda como Norte, mas que já começa a demarcar potencialidade econômica e interesses regionais e políticos para se constituir como lugar independente. Tais elementos são fundamentados numa perspectiva que de se levar em consideração

O pensamento econômico pós-moderno precisa mensurar a economia popular e étnica, os valores das patentes não remuneradas sobre conhecimentos tradicionais, o valor do patrimônio imaterial com interesse para a humanidade de certos povos e comunidades (MIRA, 2014, p. 92)

Em acordo com o que aponta o autor e avançando para a perspectiva de que não somente no sentido econômico e organizacional, vale considerar que as tradições que constroem a ideia de um lugar, de um povo, são construídas como o espaço da saudade e logo mais da revolta, trazidos à baila pelo grande processo migratório que ocorre no país com o advento das grandes secas, especialmente nas décadas de 50 e 60 do século XX. Assim,

O que podemos encontrar de comum entre todos os discursos, vozes e imagens que acabamos de arrolar, é a estratégia de estereotipização. O discurso de estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 30)

O fenômeno das secas no Nordeste se torna palco de investimento para a constituição de uma realidade distinta e que marca o estereótipo do flagelo e da dificuldade de viver nesse lugar. Nesse contexto, o universo político e econômico passa a considerar o elemento água como potencializador das amarras políticas e de um movimento que engessa a forma de viver das pessoas no Nordeste, especialmente nas pequenas cidades e comunidades rurais. Esse momento chamado também de indústria das secas é crescente especialmente nos anos 50 e 60 do século passado.

Como marco desse período está a criação de instâncias institucionalizadas e governamentais para a criação de estratégias contra a seca a exemplo da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE e o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – DNOCS. Dentre estas as principais atividades foram as construções de grandes obras como os açudes e as obras de

emergência. No caso desta última, figura a distribuição de água por meio de transporte em caminhões pipas², principalmente para as comunidades rurais. Destaco assim que,

Não precisa ter imaginação para saber que, quando ocorre uma seca, o que hoje em dia já se pode prever perfeitamente, ou razoavelmente bem, se lança mão de uma ajuda de emergência. Essa ajuda se tornou muito mais fácil nos últimos anos. Hoje, você pode transportar água com mais facilidade. Mas é preciso estar preparado: prever e lançar os projetos na hora certa. Por outro lado, é preciso que esses projetos não fiquem sendo manipulados pelos grupos locais. (ANDRADE, 1998, p. 16)

O que Andrade aponta como grupos locais, está vinculado diretamente aos movimentos sociais e voltados para a dimensão social, ligados a igreja católica, sindicatos e associações que já esboçavam uma reconfiguração do processo de manipulação e aproveitamento do fenômeno natural, como um movimento político ou de exploração econômica local.

Construir um discurso contrário à imagem estereotipada levantada ao longo de muitos anos torna-se o desafio atual ao se pensar o lugar como espaço de vivência e de significação. Avança pelo contra discurso do atraso e da mediocridade. Vale considerar que tais elementos estão demarcados particularmente com o advento da modernidade e com a ideia de desenvolvimento interpretado como progresso. O Nordeste passa a ter uma nova configuração no cenário político e econômico do Brasil.

A partir dos anos 1960, começa a ser construída outra imagem do semi-árido brasileiro com a implantação de pólos agroindustriais que se especializaram em fruticultura irrigada para exportação. A irrigação ganhou força ao lado da solução hídrica e passou a se constituir em sonho de redenção regional. Apesar disso, na sua maior porção, o semi-árido permaneceu uma área tradicional e estagnada. A situação estrutural de pobreza ainda se transforma em calamidade nas estiagens prolongadas. (SILVA, 2003. p. 362)

Mediante tais mudanças, vale apontar as questões eminentes nos últimos tempos que demarcam uma nova construção conceitual em que tem como finalidade desfazer a ideia estereotipada em que as marcas da colonização e a *posteriori* se consolida com o processo de industrialização e segregação do país.

Sigo então, com a perspectiva de que com o advento da construção político-geográfica do país e em particular do Nordeste e, no caso específico do estudo em questão, a discussão do semiárido como território de produção de identidades e processos históricos, por conseguinte a

²Também conhecido como, caminhão-tanque, carro-tanque, caminhão-D'água, autotanque ou caminhão-cisterna, é um tipo de caminhão equipado com um reservatório para transporte de líquidos ou materiais pulverulentos. Um dos principais meios de transporte de água nas regiões de seca.

estruturação do processo de regionalização instaurado na divisão político-geográfica sob a qual estamos submetidos.

Na contemporaneidade é possível olhar o lugar físico não apenas pelo viés da estruturação político-econômico, inserem-se neste contexto aspectos outros que passam a influenciar no dimensionamento de ações e identificação. Amplio aqui a discussão desse lugar do Nordeste inventado e de um semiárido como intervenção política de quebra de paradigmas e de um poder hegemônico instituído ao longo de séculos de colonização. Recentemente, a política de territorialização vem sendo implantada como forma de possibilitar uma melhor intervenção junto à população.

A proposta até então, foi demonstrar uma nova possibilidade de pensar sobre o lugar e inserir no campo discurso a localização da perspectiva de Semiárido, como região, dentro da distribuição geopolítica do país, nesse caso específico do Semiárido Brasileiro, a localização em Estados do Nordeste e do Norte de Minas Gerais. O Semiárido Brasileiro que corresponde a 26,4 milhões de habitantes, numa área correspondente a 969.589,4 Km², num total de 1133 municípios (BRASIL, 2008). As regiões semiáridas têm características comuns, particularmente pelo clima, deficiência hídrica, pouca pluviosidade e uma presença forte de evapotranspiração. Sua marca principal são os longos períodos de estiagem. (SILVA, 2008).

Inscrita nessa realidade e demarcada pelas mudanças já mencionadas é que a discussão avança para pensar um movimento que dê conta de redimensionar a visão construída para o Nordeste e ainda se propor alternativas para a vida das pessoas em sua região.

Uma vez sabido que estamos demarcados por questões naturais e climáticas, o discurso não mais deveria ser o de combate, que foi usado durante mais cinco décadas no século XX. A emergência da proposta de convivência com o semiárido traz à tona pensar políticas e alternativas que possibilitam ao nordestino e morador das áreas semiáridas do Brasil, com a presença forte do bioma caatinga, exclusivo do mundo.

Da indústria das secas as tecnologias de convivência com o semiárido

As secas sempre ocorreram, principalmente nas regiões em que estão distantes do litoral e principalmente aquelas que se aproximam da linha do Equador, ou seja, a incidência solar é maior. O Nordeste do Brasil por conter esta característica geográfica, porém a este fator climático não foram investidas condições políticas e econômicas para a população que ali sempre viveram.

Decorrente da falta de atenção política e a centralização do poder ficar voltada para a região sul e sudeste, muitos nordestinos ao serem acometidos pelos efeitos da seca foram obrigados a migrarem ou até mesmo morreram de fome e sede. Pode-se então dizer que as secas só foram consideradas um grave problema para o Brasil,

a partir da seca de 1877, onde muitas pessoas morreram, pesando também os interesses políticos dos coronéis, da época, com a perdas dos rebanhos e a possibilidade de lucrar com aquela situação de tristeza e calamidade, fazendo da seca um grande negócio, pois detinham de argumentos para conseguir recursos, obras e outros benefícios que mais privilegiaria as elites dominantes locais, o que intitulou-se de “Indústria da seca” (FERREIRA & OLIVEIRA, s/d, p. 1).

Reforçando o que o autor acima traz, além do apontado, a grande seca trouxe números muito negativos para a história do nordeste brasileiro, assim como foi retratado pelo o jornalista americano Smith (1879,p.1056), cerca da metade da população do ceara morreu “ estimated the number of deaths resulting from this event while conducting research in Brazil. According to him: Roughly 500,000 residents died in Ceara´ from 1877 to 1878, accounting for more than half of the population.”

Números como estes sevem para demonstrar quão preocupante tem sido a questão da relação com a população que vive no Nordeste e sua vinculação com as questões ambientais.

Desta forma, a indústria da seca tem como carro chefe as relações de poder instituídas sobre o recurso natural “água”. Como no semiárido a distribuição em tempo e espaço das chuvas são bem distintas, gera-se então o movimento de abastecimento de água com os chamados “carros pipas”, em que os pequenos agricultores para manter a agropecuária de subsistência se submetem a comprar e nos períodos mais críticos, programas de emergência são retomados. Essa situação vincula-se aos interesses políticos e por decorrência, um ciclo vicioso.

Com tal perspectiva, as secas são utilizadas como mecanismo de manipulação popular e manutenção do poder por parte da elite no semiárido brasileiro apresentada por grandes projetos governamentais desde o período do governo imperial. Para dialogar com estas questões, Campos sinaliza que

During the 1958 drought, political misuse of drought and corruption in the application of public resources became well known in the public domain. Drought-related water policies were heavily criticized. (2015, p.1058)

E complementa com elementos que apontam a dimensão da necessidade de criação de pólos de desenvolvimento para atrair famílias rurais, o que fortalece a dimensão das relações de poder e todas as questões vinculadas a indústria da seca, como forma de garantia de votos e de manutenção no espaço de governo, desta forma corroboro que,

This paradigm persisted in NEB from the end of 1950's to the start of 1980's (Campos 2014). Its main purpose was to create development poles that attract rural families vulnerable to drought. As in the paradigm industrial modernity, this paradigm involves using reservoir water to support economic stability in NEB. This approach was championed by economist Celso Furtado. (CAMPOS, 2015, p. 1057)

Tais ações estão situadas desde a proposta de transposição das águas do Rio São Francisco, datada de 1847 como proposta viável por um pesquisador do Instituto Politécnico do Rio de Janeiro e posteriormente por outro pesquisador da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo no ano de 1906. Todavia não aprovadas naquele momento são criadas as estratégias de construção de açudes que possa comportar muita água (CAMPOS & STUDART, 2015, p.6).

Todo esse movimento vai fortalecendo a indústria das secas que perdura até início da década de 80 do século passado, em que surge a discussão sobre semiárido e os movimentos sociais e não governamentais passam a construir novas estratégias de atuação junto à população.

É nesse período que se fortalecem as ações das Organizações não governamentais no enfrentamento da perspectiva de combate a seca e em contraposição se apresentam propostas de convivência com o semiárido. Toda essa movimentação passa a incomodar principalmente a elite, os latifundiários e proprietários de fazendas de agronegócio. É um período que enfrenta a lógica do capital e da política neoliberal que perdurava, sendo assim, o investimento em ações grandiosas para garantir a água para a população do nordeste, que na maioria das vezes não chegava, tem uma relação direta com o que aponta Bonfim (2014, p. 178)

No entanto, ainda que trilhões e trilhões de recursos públicos tenham sido e continuam a serem gastos para salvar as grandes fortunas, os grandes impérios, as grandes corporações, a título de salvar as próprias economias nacionais e mundial - e assim o emprego de milhões e milhões de trabalhadores -, assim como salvaguardar a “paz” social, as desigualdades sociais, a miséria e a destruição ambiental atingiram proporções antes inimagináveis no universo do Capital.

Vincular ao processo de exploração de um fenômeno natural, no caso a seca, com o fim de enriquecimento de parte da população em detrimento as mazelas sofridas por outra, marca a atualidade do pensamento de Marx, apresentado pelo autor. Além destas questões, vale ressaltar o

direcionamento para as questões da “miséria e a destruição ambiental” como aspectos contundentes de uma política econômica que somente favorece a determinados grupos que compõe a sociedade.

Remete ainda, a análise das perspectivas atuais que são desenvolvidas para dar conta das dificuldades enfrentadas pelos nordestinos, que vivem no semiárido – em que o nível de precipitação é menor em relação ao nível de evaporação, ou seja, ocorre de maneira muito maior o que provoca índice de aridez muito maior do que o restante do nordeste – que já não se apresentam com tanta dificuldade e sofrimento com o que ocorreu na seca vivida nos anos 60 do século passado e que de certa forma favorece a indústria das secas, não somente com a dimensão da exploração ambiental, como também do monopólio atribuído ao bem natural, água.

O semiárido atravessa uma das maiores secas dos últimos 50 anos, porém, por conta das ações e políticas de convivência com o semiárido os resultados não são visivelmente drásticos decorrentes da utilização de tecnologias voltadas para a convivência, não o combate, uma vez que se trata de um fator climático natural, recorrente e cíclico.

Nessa perspectiva, ainda são fortes os debates acerca da indústria da seca, em tempos atuais, onde os movimentos políticos disfarçados de coronelismo para manter a autoridade e a hegemonia do domínio sobre a região, e encontra na escassez de água uma saída para ganhar popularidade e votos, porem grupos contrários a estas ideias fazer um percurso inverso, onde encontra no semiárido, um modo de vida e sobrevivência para conviver com esta realidade natural e geográfica do semiárido, onde investem em políticas, ações e tecnologias para manter os nordestinos em seus territórios de origem.

As tecnologias a que me refiro vão desde a implantação de cisternas³ para captação de água da chuva do telhado, essa para o consumo familiar. Cisternas tipo calçadão⁴ e de enxurrada⁵ que capta água para a produção e criação de animais, a outras técnicas que fortalecem a agricultura familiar e retiram as famílias da margem da pobreza e da possibilidade de sofrimento direto com os efeitos da estiagem, a exemplo das barragens subterrâneas, bombas d’água populares, barreiros entre outras ações (PEREIRA & COSTA, 2013).

É possível se observar que ocorreram avanços na perspectiva de compreensão em que as secas devem ser combatidas, e avança no que diz respeito ao processo de melhor entende-la para

³ Depósito, armazém para receber e conservar as águas, tendo uma variação de modelos.

⁴ Capta a água de chuva por meio de um calçadão de cimento construído sobre o solo.

⁵ É construída dentro da terra, ficando somente a cobertura de forma cônica acima da superfície. O terreno é utilizado como área de captação. Quando chove, a água escorre pela terra e antes de cair para a cisterna passa por duas ou três pequenas caixas, uma seguida da outra, que são os decantadores.

assim criar condições de melhoria da qualidade de vida e da relação de exploração do meio ambiente e das condições sociais em que as pessoas são submetidas.

O avanço das políticas públicas de convivência com o semiárido nos leva a perceber que a indústria da seca se configura de outras formas, principalmente no que diz respeito a reprodução dos favores políticos em troca de votos e a manutenção de poder, todavia é mais visível o desenvolvimento e apropriação popular de questões que vinculam a autonomia e o processo de gestão ambiental e de maneira particular a das águas no semiárido brasileiro.

Acredito, enfim ser muito atual o que já dizia Dom José Rodrigues⁶ “No Nordeste não falta água, falta justiça!”.

Aspectos conclusivos

Acredito que essa é uma temática que exige cada vez mais aprofundamento, principalmente a medida em que as construções imagéticas acerca do semiárido ainda denotam o atraso e a presença da submissão aos interesses e ações vindas do sul.

A escassez de água e a falta de gestão dos recursos hídricos existentes denunciam uma necessidade emergente de revisão das políticas públicas implementadas, ademais da necessidade de articulação dos diversos setores da sociedade para que se possam superar os diversos paradigmas que solidificam e se constroem ao longo das décadas, quiçá século, se levarmos em consideração as ações de cunho emergencial e governamental em relação as secas no Nordeste desde o período imperial.

Busquei demonstrar que por mais que o tempo tenha passado a indústria da seca toma uma roupagem diferenciada no cenário contemporâneo, marcada principalmente pela constante tensão dos movimentos sociais que pautam a implementação de políticas públicas de convivência com o semiárido e da intenção governamental de execução de programas que os deixam cômodos quando ao domínio e a lógica do poder e a produção de mais valia em detrimento aos diversos grupos sociais numa perspectiva atual do que o capitalismo produz enquanto sistema social (BONFIM, 2014).

Avanço desta forma para a concepção de que o problema de falta de água só não tem solução se parte da população se curva diante da problemática. É notório que as iniciativas atuais possibilitam o desmonte das intenções e roupagem dadas a indústria das secas na

⁶ Foi bispo da Diocese de Juazeiro/BA e fazia parte de movimentos sociais, além da vinculação a organizações não-governamentais que integravam a Articulação Semiárido – ASA.

contemporaneidade, porém, com características singulares e que se repetem a medida que o tempo passa e os governos se constituem.

A convivência consiste numa prática constate, não se tratando apenas de uma prática emergencial, mas também de combate à fome, e a tantos outros problemas não só no alto oeste, mas também no semiárido, requer políticas públicas permanentes e apropriadas. Baseado nisso, sempre será possível viver em um ambiente repleto de riquezas naturais, com suas particularidades e acima de tudo uma convivência que seja capaz de proporcionar uma vida cheia de esperança e oportunidades.

Fomento

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES¹ e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESBS²

Referências

ANDRADE, Manuel Correia de. (Org.) **Seca e poder** – entrevista com Celso Furtado. Fundação Perseu Abramo: SP, 1998. (Vários autores)

BOMFIM Luciano Sérgio Ventin. Ecomarxismo? . In: **Ecologias Humanas**. Juracy Marques(org.). Feira de Santana-BA UEFS, 2014.

CAMPOS, José Nilson B. STUDART, Ticiania Marinho de Carvalho. **SECAS NO NORDESTE DO BRASIL: ORIGENS, CAUSAS E SOLUÇÕES**. 2015. Disponível em: <http://www.deha.ufc.br/ticiania/Arquivos/Publicacoes/Congressos>

/2001/Secas_no_Nordeste_do_Brasil_08_de_junho_def.pdf

CAMPOS, José Nilson B. **Paradigms and Public Policies on Drought in Northeast Brazil: A Historical Perspective**. Environmental Management, 2015.

FERREIRA, Irama Sonary de Oliveira. OLIVEIRA, Livia Freire de. **Dualismo no Semi-Árido: combate a seca versus convivência**. Disponível em: <http://www2.ufersa.edu.br/portal/view/uploads/setores/241/Dualismo.pdf>.

MALVEZZI, Roberto. **Semi-árido - uma visão holística**. – Brasília: Confea, 2007.

MIRA, Feliciano de. As Cores da Economia e o Desenvolvimento Sustentável. In: **Ecologias Humanas**. Juracy Marques(org.). Feira de Santana-BA UEFS, 2014.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **ENTRE DOIS PARADIGMAS**: combate à seca e convivência com o semi-árido. Sociedade e Estado, Brasília, v. 18, n. 1/2, p. 339-360, jan./dez. 2003

SMITH, H. **Brazil**, the amazons and the coast. Charles Scribner's Sons, New York, 1879.